

Observações sobre o comportamento da mídia brasileira nos episódios conhecidos como “Vacina Freire” e “Pílula do Câncer”.

Observations about Brazilian media’s behavior in episodes known as "Freire’s Vaccine" and "Cancer Pill".

Leandro Trindade Pinto¹, Viviane Arena Figueiredo²

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

leandrotrindadep@yahoo.com.br

Resumo

Analisar o papel da mídia na publicação de determinados acontecimentos científicos é um instrumento para se entender a percepção da população sobre Ciência. Analisamos dois eventos que envolveram a problemática da saúde pública com grande repercussão na mídia: os casos conhecidos como “Vacina Freire” e a “Pílula do Câncer”. Tais acontecimentos apesar de separados por lapso temporal de mais de cem anos apresentam características comuns tanto no comportamento da mídia quanto da população em relação a tais eventos. Com base nas análises das reportagens no final do século XIX do evento “Vacina Freire”, publicadas no Jornal O Paiz (RJ), comparando com as reportagens publicadas na *internet* sobre a “Pílula do Câncer” entre 2014 e 2018, observamos que tais eventos tiveram em comum um alarde feito sem maiores critérios científicos, o uso político dos temas e a falta de esclarecimento da população sobre o evento.

Palavras chave: mídia, Vacina Freire, Pílula do Câncer, notícias científicas.

Abstract :

Analyzing the media’s role in the publication of certain scientific events is a tool to understand population's perception about Science. We analyzed two events that involved public health problem with great repercussion in media: the cases known as "Freire Vaccine" and the "Cancer pill". Such events, although separated by a time span of more than one hundred years, present common characteristics in both media’s and population’s behavior in relation to such events. Based on the analysis of the reports in the end of the 19th century about the event “Freire’s Vaccine” published in the newspaper O Paiz (RJ), comparing with the reports published in the *internet* about the "Cancer Pill" between 2014 and 2018, we observed that such events had in common the fuss done without scientific criteria, the political use of the subjects and the lack of clarification of the population on the subject.

Key words: media, Freire’s vaccine, Cancer Pill, scientific news.

A mídia na publicação de acontecimentos

A importância de analisar o papel da mídia na publicação de acontecimentos científicos traz um instrumento de análise sobre a percepção da população sobre a Ciência e os movimentos sociais nele envolvidos, visto que há uma influência significativa da mídia sobre comportamentos, hábitos e costumes da população. Destacamos particularmente alguns “momentos de crise” que envolvem descobertas de “curas” para doenças que assolam a população, sobretudo a parcela mais carente.

Os momentos que destacamos neste trabalho foram dois episódios que representam o alarde da mídia de uma “cura salvadora” para um problema de saúde pública:

A criação da vacina da Febre Amarela pelo médico Domingos Freire, no final do século XIX e o tratamento do câncer, através a fosfoetanolamina sintética, desenvolvida pela equipe de Gilberto Chierice, químico da Universidade de São Paulo.

O principal aspecto de destaque de tais acontecimentos é apresentarem fatores em comum em contextos tão distintos. Apesar do lapso temporal ser de aproximadamente 120 anos, observa-se um comportamento semelhante da mídia e da população no contexto que envolve problemas de saúde pública.

A importância da mídia na sociedade

Pensar o papel da mídia como informativa, com base em uma neutralidade, pode ser um princípio ideológico esperado, mas que ignora as relações de poder intrínsecas das quais os meios de comunicações não estão isentos. Fonseca (2011) coloca que os princípios da neutralidade da mídia são:

São ocultados sob o lema do “dever da informação”, que seria “neutra” independente, apartidária e a-ideológica, características invariavelmente alegadas pelos órgãos da mídia ao retratar, de forma cabotina, sua atuação. (FONSECA, 2011, p. 42).

Atualmente, sobretudo com o advento da *internet* nas últimas décadas, houve segundo Fonseca (2011), um espaço novo para a informação. Entretanto, assim como aconteceu com os principais jornais impressos, este espaço vem sendo disputado por grandes grupos empresariais. Dentro do contexto histórico brasileiro, observamos que mesmo sem o mesmo acesso aos meios de comunicação por parte da maioria população, no final do século XIX os jornais e folhetins da época faziam, de certa forma, a manipulação dos elementos simbólicos como forma de poder. Percebemos tal fenômeno no contexto social da capital brasileira entre as décadas de 1880 e 1890. Segundo Bastos (2008), dentro de um processo de consolidação da identidade brasileira como nação, o papel da mídia torna-se agregador de um discurso ideológico:

No Rio de Janeiro a grande imprensa cumpria o papel indispensável de unificar o discurso dominante, tornando-o legível para os demais grupos sociais. (BASTOS, 2008, p.3)

Num contexto social onde parte significativa da população brasileira não tinha acesso aos meios de saúde, tal tema despertava muito interesse, sendo algumas destas notícias de cunho mais alarmante do que, propriamente, informativo. Sendo assim, a mídia exerce um papel fundamental na percepção da população sobre a Ciência, pois fugindo do princípio da neutralidade apresentado por Fonseca (2011), corrobora intencionalmente ou não para uma visão ainda mais estereotipada da Ciência. Sobre este fenômeno midiático Taschner (2018) coloca que os instrumentos de mídia “ofuscam”, “manipulam” ou até “apagam” as vozes dos cientistas sobre temas científicos. O episódio conhecido como “vacina Freire”, que tinha como proposta a cura da Febre Amarela na penúltima década do século XIX, se apresenta

como caso representativo onde a mídia ofuscou e manipulou o discurso científico.

Levantamento de informações sobre o caso da “Vacina Freire”

Nas últimas décadas do século XIX a Febre Amarela assolava milhares de pessoas nas Américas. Cientistas, sobretudo europeus e americanos se debruçavam sobre o problema com debates sobre as causas da doença. No contexto nacional, onde cidades sofriam com epidemias devastadoras da doença, descobrir sua cura era uma questão de saúde pública, e de patriotismo, afinal num contexto abolicionista e republicano ter um cientista brasileiro, descobridor da cura desta febre, reforçaria a identidade nacional. Tal fato, além da notoriedade pessoal, seria usado pela mídia como instrumento político, segundo Benchimol (1995). Neste contexto o bacteriologista Domingos José Freire teve grande repercussão na mídia na época. Benchimol (1994) aborda a trajetória deste cientista que teve seu trabalho inicialmente exaltado pela mídia, seguindo por anos de debates entre aqueles que defendiam e os que eram contra ao doutor Freire. Na última década do século XIX seu trabalho e prestígio como cientista acabaram ignorados pela academia da época, conforme apresenta Benchimol (1995, p.69): *a histografia refere-se a ele tão somente como o autor do mais retumbante “erro” cometido na medicina experimental brasileira.*

O levantamento das informações do caso da “Vacina Freire” apresentados neste trabalho foram feitas através da consulta ao jornal O Paiz (publicado no Rio de Janeiro), entre os anos de 1884 e 1894. Escolhemos apresentar duas reportagens deste jornal, onde aparece de forma clara e sintética a polêmica envolvida no caso. Estas estão disponibilizadas ao público através do arquivo *online* da Biblioteca Nacional. A primeira reportagem se refere ao momento em que a “Vacina Freire” contra a febre amarela ainda apresenta notoriedade na mídia; a seguir uma reportagem do jornal, incentivando a “Vacina Freire” ao público:



Figura 1: Notícia: Febre Amarela. Jornal O Paiz (RJ), 9 mai. 1888.

O jornal da época citado exemplifica o apelo por parte da mídia para a vacinação criada pelo Doutor Domingos Freire. Ao realizar uma análise de conteúdo, segundo Bardin (2009), poderemos separar elementos textuais presentes nesta notícia exemplificando os conceitos expressos. Dentre estes elementos destacamos: “merecer dos corpos científicos europeus a maior atenção e apreço”, “ilustre compatriota e microbiologista”, “resultados da sua eficácia por meio de estatísticas rigorosas”.

Tais trechos permitem ilustrar características comuns presentes na publicação de acontecimentos científicos da época: dar credibilidade a um estudo científico porque a este foi atribuído “um padrão europeu”, configurando um discurso “eurocentrista”. Na mesma notícia presencia-se um discurso pátrio apontando que um “cientista compatriota” fez uma importante descoberta científica, sendo este mais um motivo para o governo incentivar o seu trabalho.

A mídia, neste caso como em muitos outros relativos à publicação de acontecimentos científicos, atribui à credibilidade dos estudos científicos a fatores que se distanciam da análise crítica da metodologia da pesquisa em questão. Discursos midiáticos que usam terminologias específicas da Ciência e desconhecidas pelo público em geral, somadas a afirmações simplistas que exaltam o rigor científico são usadas até hoje segundo Taschner (2018). Todavia a mídia, em alguns casos, sobretudo em questões de grande apelo social, atribui “valores” diferenciados para a fala de alguns cientistas. Este critério de valor dado em certas mídias se distancia da análise científica, baseando-se em critérios não muito claros, como mostra a reportagem a seguir:

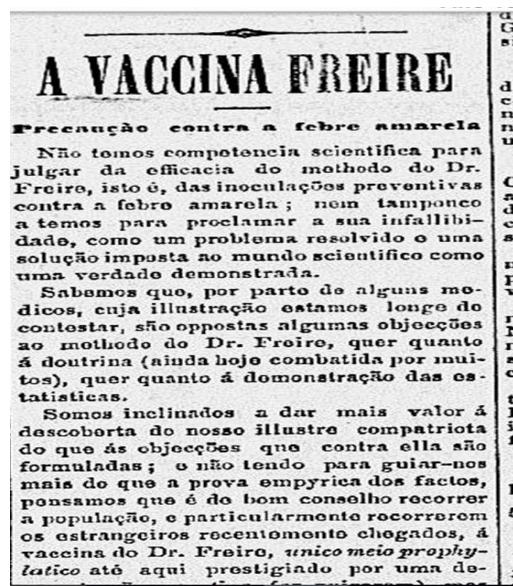


Figura 2: Notícia: A Vaccina Freire. Precaução contra a febre amarela. Jornal O Paiz, 23 jan. 1889.

Nesta reportagem o jornal coloca como fatores de credibilidade a favor da “Vacina Freire”, as afirmações: “a prova empírica dos fatos” e o “conselho da população”, particularmente dos “estrangeiros”. Tais argumentos trazem, assim como na notícia anterior, como fatores de credibilidade um jargão científico e a valorização do estrangeirismo, provavelmente europeu. Não encontramos até 1889 nas notícias do jornal O Paiz (RJ), um debate mais detalhado entre as metodologias empregadas pelos cientistas que eram a favor e contra a esta “Vacina”. Já observamos nesta notícia, como em outras analisadas neste jornal o acirramento entre os que os defendiam e os contrários a ela. Com o passar do tempo, foi aumentando a crítica dos cientistas que se aliavam em prol da futura Reforma Higienista, fazendo com que “A Vacina Freire” perdesse espaço na mídia. Nos jornais, aos poucos, esta vacina saía dos editoriais e se direcionavam aos classificados com publicações pagas pelo próprio Dr. Domingos Freire no jornal O Paiz (RJ). Segundo Benchimol (1994) até a morte do Dr. Freire (1889) muitos o procuravam ainda.

Analisando a falta de rigor científico estabelecido pelo jornal, percebemos que não há clareza nos critérios para explicar a “desconstrução” de um estudo científico noticiado. Tal

comportamento da mídia pode gerar um discurso que uma pesquisa, um projeto científico foi “superado”, “abandonado” exclusivamente por critérios políticos e econômicos.

O evento apontado neste trabalho está longe de ser um caso isolado no cenário nacional, se repete ao longo dos anos, com mais ou menos destaque. Todavia, mesmo atualmente, onde a mídia se tornou tão complexa e presente no cotidiano dos brasileiros, percebemos características semelhantes quando o assunto se refere a temas polêmicos de Ciência.

O caso conhecido como “a pílula do câncer”

A questão da saúde pública é tão antiga no nosso país como a sua História. O acesso a um tratamento adequado é negado para a maior parte da população. Justamente por ser um tema de tamanho apelo social pode ser facilmente explorado pela mídia. Neste contexto nasce a polêmica do fato conhecido como “pílula do câncer”. Primeiramente o seu episódio ganhou notoriedade não pela descoberta científica em si; esta seria uma pílula a base de fosfoetanolamina, proposta de tratamento contra o câncer. Segundo Leite (*et al*, 2016) o episódio foi explorado pela mídia como “um milagre” descoberto por cientistas brasileiros:

No início da década de 1990, os pesquisadores Gilberto Chierice e Salvador Claro Neto do Campus São Carlos da Universidade de São Paulos (USP), desenvolveram sinteticamente cápsulas com uma substância que está presente no nosso corpo, a chamada fosfoetanolamina. Essa notícia sobre a “pílula do câncer” se espalhou rapidamente e em pouco tempo as ligações e idas até o laboratório da USP em busca do “milagre” que combatia ao câncer se tornaram incontáveis. (LEITE, et al, 2016, p. 3).

Basicamente a situação teve repercussão nacional devido às tentativas de se impedir a distribuição da pílula. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária passou a liberá-la somente através de decisões judiciais. Mais tarde, o Tribunal de Justiça de São Paulo passou a proibir estas autorizações, sendo o estopim para que a mídia explorasse o caso. Com o cenário político que se desenhava em 2014 e nos anos adjacentes, este tema foi explorado das mais diferentes formas e fins. Os pesquisadores afirmaram que obtiveram resultados importantes para a cura do câncer, alegando que, devido ao baixo custo da medicação, ela não era distribuída devido à má vontade do governo e à influência da indústria farmacêutica. Uma destas entrevistas, que exemplificam esta situação foi a reportagem produzida por Piovezan (2015), disponibilizada no site G1.

A polêmica ganhava uma dimensão cada vez maior. Baronas e Cardoso (2016) fizeram um levantamento do comportamento da mídia sobre o caso e conseqüentemente a percepção da população na época sobre o tema. Estes apontam que inúmeras manifestações ocorreram no país, sobretudo de pessoas que queriam a liberação da pílula para o tratamento do câncer. Observou-se que na *internet*, principalmente o Facebook foi um local de disputa em defesa da medicação. A maioria destas manifestações a percepção da população era da negligência do governo em não liberar a pílula.

Tanto no levantamento de Leite (*et al*, 2016) e Baronas e Cardoso (2016), observa-se que no final de 2015 se multiplicavam entrevistas e notícias de cientistas e médicos que questionavam a eficácia da “pílula do câncer”. Entre estas há a intitulada: “Pesquisador acredita que substância desenvolvida na USP cura o câncer”, disponibilizada no site G1. Publicada no ano de 2016, num contexto de turbulência política, o tema chega ao Planalto e torna-se debate entre os deputados. No mesmo ano a então presidenta da República Dilma Rousseff sanciona a lei (Lei 13.269/16), autorizando a fabricação do produto sem registro sanitário. Porém, neste mesmo período a academia se inclinava cada vez no sentido de

questionar a eficiência da fosfoetanolamina no combate ao câncer.

No ano seguinte em 2017, foram divulgadas pesquisas e entrevistas na mídia questionando a eficácia da medicação. Talvez a notícia que teve a maior repercussão nacional foi a realizada por pesquisadores do Instituto do Câncer de São Paulo, intitulada: “Médicos anunciam resultado dos estudos sobre pílula do câncer”, disponível no site G1. Os cientistas publicaram um trabalho concluindo que esta não funcionava como remédio. Tal pesquisa foi noticiada também no Jornal Nacional da TV Globo em 31 de março.

No ano de 2018, a polêmica envolvendo o tema esmoreceu significativamente. A academia atualmente aponta, em linhas gerais, que foi um erro a divulgação da eficiência da fosfoetanolamina sem testes científicos mais rigorosos. Entretanto, a própria reportagem citada anteriormente aponta um dado interessante: todos os comentários dos usuários da *internet* sobre esta notícia disponibilizada no *site* G1 opinaram no mesmo sentido, sobre o assunto: a fosfoetanolamina não foi liberada apenas por interesses econômicos, com o governo atuando contra a população. Segundo Leite (et al, 2016) ainda é possível ver *sites* ativos defendendo o uso desta substância. Parece que ecos semelhantes da percepção da população frente a notícias científica como aqueles observados na “Vacina Freire” ainda ecoam no Brasil no século XXI.

Algumas considerações:

Os episódios apresentados, apesar do lapso temporal possuem características em comum dentro de um contexto midiático que envolve a Ciência em uma conjuntura nacional.

Inicialmente foram apresentados, por certos veículos de comunicação, como “salvadores da pátria” feitos de brasileiros notáveis da Ciência que mereciam o devido reconhecimento da sociedade. O contexto político nacional conturbado das duas épocas contribuiu para que fossem explorados para os mais diferentes fins.

Posteriormente ocorre a apresentação de reportagens de notícias questionando e desmerecendo os resultados dos cientistas. Estes grupos questionam os resultados de Freire e Chierice, num processo não muito criterioso, na apresentação dos critérios científicos, nos meios midiáticos.

A percepção de parte da população geralmente conclui que em todo este processo foi privada de um meio de tratamento de saúde por questões puramente políticas/econômicas e não científicas. Talvez esse seja uma das características mais importantes a serem percebidas nestes episódios quando pensamos em propostas para uma análise crítica na percepção da população sobre a natureza do trabalho científico. Apesar da ampliação do acesso a informação e do acesso à educação formal e das pesquisas envolvendo o ensino de Ciências nos dias atuais, ainda encontramos desafios ainda não superados desde o século XIX.

Referências:

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARONAS, R. L; CARDOSO, J. M. A (des)ordem da polêmica na mídia: o caso da pílula do câncer. **Revista de estudos da linguagem**. V. 24, n. 3, 2016, p. 673-702.

BASTOS, I. A Imprensa no Rio de Janeiro da Belle Époque. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, p. 1-15, Niterói.

BENCHIMOL, J.L. História da febre amarela no Brasil. **História, Ciências, Saúde**. V.1, n. 1, 1994, p. 121-124.

BENCHIMOL, J.L. Domingos José Freire and the beginnings of bacteriology in Brazil. **História, Ciências, Saúde**. V.1, n. 2, 1995, p. 67-98.

BRASIL. Lei nº 13.269, de 13 de abril de 2016. Lei autoriza o uso da substância fosfoetanolamina sintética por pacientes diagnosticados com neoplasia maligna. Diário Oficial da União República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 14 abr. 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13269.htm. Acesso em 02 de jun. de 2018.

Febre Amarela. Jornal O Paiz, 9 mai. 1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_01&PagFis=3483&Pesq=febre%20amarela>. Acesso em 5 de jun. de 2018.

FONSECA, F. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**. N. 6, 2011, p.41-69.

LEITE, S. N. et al. Ações, Tentativas de Mídia na Controvérsia da Pílula do Câncer. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Caruaru:UNIFAVIP, 2016. p. 1-13.

Médicos anunciam resultado dos estudos sobre pílula do câncer. G1, 31 mar. 2017. Disponível em: < <https://glo.bo/2okONyF> >. Acesso em: 2 out. 2018.

Pesquisador acredita que substância desenvolvida na USP cura o câncer. G1, 26 ago. 2015. Disponível em: < <http://glo.bo/1fFxoHW> >. Acesso em: 2 out. 2018.

PIOVEZAN, S. Pacientes pedem na Justiça que USP forneça cápsula de combate ao câncer. G1. São Carlos, 17 ago. 2015. Disponível em: < <http://glo.bo/1NnJSSa> >. Acesso em 30 de junho de 2018.

Vaccina Freire. Precaução contra a febre amarela. Jornal O Paiz, 23 jan. 1989. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_01&PagFis=6524&Pesq=Febre%20amarela>. Acesso em 15 de jun. de 2018.

TASCHNER, N. P. O cientista e a síndrome de Cassandra. *Ciencia & Cultura*. V. 10, n.2, 2018, p. 4-5.